

CULTURA E POLÍTICA EM SCHWARZ: A DIALÉTICA COMO FORMA DE INTERVENÇÃO E O IMPACTO NO MOVIMENTO TEATRAL BRASILEIRO

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i41p209-227>

Rafael Villas Bôas

RESUMO

O artigo analisa o modo como a reflexão dialética de Roberto Schwarz, ao articular as esferas da cultura e política, incidiu no debate dos trabalhadores da cultura, com ênfase no movimento teatral brasileiro, pautando questões para o debate e abrindo novas perspectivas de pesquisa. Destacam-se os ensaios “Cultura e Política, 1964-1969”, “Política e Cultura: subsídios para uma plataforma do PT em 82” e “Altos e baixos da atualidade de Brecht”. A influência de Anatol Rosenfeld, pelo escopo da produção teórica e pela forma de intervenção no debate do meio teatral é ressaltada, a partir de textos de Schwarz sobre o mestre. O artigo sugere que a atenção de Schwarz sobre Rosenfeld é da ordem das providências de aprendizagem, tal como ocorre com Antônio Candido, na perspectiva de uma atuação orgânica e consequente, em diálogo constante com

PALAVRAS-CHAVE: cultura e política; crítica dialética; movimento teatral.

coletivos de intelectuais e artistas, em postura combativa ao fascismo, e em confronto direto com o golpe de 1964. É destacado o impacto emblemático da crítica dialética de Schwarz em pesquisas posteriores do campo teatral brasileiro. É ressaltada também a aderência e interesse sobre o pensamento de Schwarz por parte do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, aqui considerado como movimento de luta pela terra e como movimento cultural.

ABSTRACT

This article analyzes how Roberto Schwarz's dialectical reflection, by articulating the spheres of culture and politics, influenced the debate of cultural workers, with an emphasis on the Brazilian theater movement, setting issues for debate and opening new perspectives for research. The essays "Culture and Politics, 1964-1969", "Politics and Culture: Support for a PT Platform in 1982" and "Highs and Lows of Brecht's Current Times" stand out. The influence of Anatol Rosenfeld, through the scope of his theoretical production and the form of intervention in the debate of the theater environment, is highlighted, based on Schwarz's texts about the master. The article suggests that Schwarz's attention to Rosenfeld is in the order of learning, as is the case with Antônio Candido, from the perspective of an organic and consequential action, in constant dialogue with groups of intellectuals and artists, in a combative stance against fascism, and in direct confrontation with the 1964 coup. The emblematic impact of Schwarz's dialectical critique on later research in the Brazilian

KEYWORDS: culture and politics; dialectical criticism; theatrical movement.

theater field is highlighted. The adherence to and interest in Schwarz's thought by the Landless Workers' Movement, here considered as a movement fighting for land, for human rights and as a cultural movement, is also considered.

O ensaio “Cultura e Política, 1964-1969” é um dos principais textos de intervenção sobre o golpe de 1964, escrito no calor da hora. Algo que se pode comprovar pela intensa repercussão em pesquisas produzidas posteriormente em trabalhos de cunho teórico-historiográfico e pelas pesquisas da área de crítica estética e histórica, elaboradas em parte por trabalhadores do movimento teatral brasileiro que atuam e circulam nos espaços de formação, produção e intervenção (ARANTES, 1992; COSTA, 1996; CARVALHO; 2009; VILLAS BÔAS, 2009; PEGINI, 2021; BOAL, 2022; BRITTO, 2024; SANTOS, 2024).

Escrito entre os anos de 1969 e 1970, não é um texto elaborado sob o conforto da poeira baixa do período pós-conflito analisado. Pelo contrário, é um texto construído ao fim do primeiro terço da ditadura que durou 21 anos, que se destacou pela capacidade de interpretação e intervenção no processo autoritário que se desdobrava no Brasil. A nota que abre o texto publicado em 1978, como um dos ensaios do livro “O pai de família e outros estudos” é emblemática:

Nota, 1978 — As páginas que seguem foram escritas entre 1969 e 70. No principal, como o editor facilmente notará, o seu prognóstico estava errado, o que não as recomenda. De resto,

acredito — até segunda ordem — que alguma coisa se aproveita. A tentação de reescrever as passagens que a realidade e os anos desmentiram naturalmente existe. Mas para que substituir os equívocos daquela época pelas opiniões de hoje, que podem não estar menos equivocadas? Elas por elas, o equívoco dos contemporâneos é sempre mais vivo. Sobretudo porque a análise social no caso tinha menos intenção de ciência que de reter e explicar uma experiência feita, entre pessoal e de geração, do momento histórico. Era antes a tentativa de assumir literariamente, na medida de minhas forças, a atualidade de então. Assim, quando se diz “agora”, são observações, erros e alternativas daqueles anos que têm a palavra. O leitor verá que o tempo passou e não passou (1978, p. 61).

1978 não era mais tempo de milagre econômico, que tinha sido soterrado pela crise do petróleo de 1973. As organizações de resistência à ditadura pela luta armada, nascentes e vigorosas enquanto Schwarz escrevia e depositava crédito pela legitimidade que elas tinham enquanto enfrentamento ao autoritarismo, tinham sido destruídas. O sistema da indústria cultural se beneficiava da incorporação dos dramaturgos, atrizes e atores, desempregados pela censura, daqueles que não foram expulsos do país ou que saíram em auto-exílio¹.

¹ Napolitano corrobora com o esquema analítico de Schwarz: “Os intelectuais e artistas, como quadros rebeldes da classe média letrada, deveriam ser reconduzidos à sua vocação: ajudar na modernização econômica de matiz conservador prometida pela nova ordem política. Por isso, talvez intuitivamente, talvez propositalmente, os militares não se preocuparam tanto quando os artistas de esquerda foram para o mercado (editorial, fonográfico, televisual). Conforme a historiografia já apontou, esta ida ao público (consumidor de cultura) era preferível à ida ao povo (os circuitos culturais ligados aos movimentos sociais, instituições e partidos de esquerda). A sensação de uma “hegemonia cultural” de esquerda entre 1964 e 1968 era plausível, pois, junto aos circuitos massivos e mercantis da cultura, os artistas de esquerda passaram a ser altamente valorizados comercialmente e legitimados socialmente, o que não é pouco. O “circuito fechado de comunicação” entre intelectuais e artistas de classe média e sua própria classe não parecia, ao menos até 1967, uma grande ameaça ao regime, embora causasse constrangimentos e transtornos” (2014, p. 103).

As formas culturais e políticas anti-mercantis que apontavam para uma perspectiva contra-hegemônica, pelos elos de classe que promoviam entre operários, camponeses, artistas, estudantes e intelectuais, como o Movimento de Cultura Popular (MCP) de Pernambuco e os Centros Populares de Cultura (CPCs) da União Nacional dos Estudantes (UNE), tinham sido destruídas de forma cirúrgica pelo primeiro movimento do golpe de 1964, que tinha no rompimento dos elos entre as classes e a destruição das principais organizações representativas um dos objetivos centrais. Schwarz escreveu o texto um ano após a decretação do Ato Institucional nº 5, já com absoluta consciência da diferença do significado do primeiro golpe, de abril de 1964, e do golpe dentro do golpe, com o Ato Institucional nº 5 (AI-5):

Esta situação cristalizou-se em 64, quando grosso modo a intelectualidade socialista, já pronta para prisão, desemprego e exílio, foi poupada. Torturados e longamente presos foram somente aqueles que haviam organizado o contato com operários, camponeses, marinheiros e soldados. Cortadas naquela ocasião as pontes entre o movimento cultural e as massas, o governo Castelo Branco não impediu a circulação teórica ou artística do ideário esquerdista, que embora em área restrita floresceu extraordinariamente. Com altos e baixos esta solução de habilidade durou até 68, quando nova massa havia surgido, capaz de dar força material à ideologia: os estudantes, organizados em semi-clandestinidade. Durante estes anos, enquanto lamentava abundantemente o seu confinamento e a sua impotência, a intelectualidade de esquerda foi estudando, ensinando, editando, filmando, falando, etc., e sem perceber contribuíra para a criação, no interior da pequena burguesia, de uma geração maciçamente anti-capitalista. A importância social e a disposição de luta desta faixa radical da população revelam-

se agora, entre outras formas, na prática dos grupos que deram início à propaganda armada da revolução. (1978, p. 62-63).

Naquele período, despontavam outros movimentos estéticos, como o Tropicalismo, que a despeito dos incômodos que pudessem causar nos costumes e códigos morais da alta sociedade, eram aceitos e incorporados pela indústria cultural brasileira sem margem de risco para o sistema, que saía do golpe fortalecido em seus pilares econômicos e políticos centrais².

Pelas dificuldades da análise do processo em movimento, pelo risco político e intelectual das apostas feitas pelo autor na argumentação que tece, pelo que poderia ter sido o caminho do Brasil, pelas energias sociais, culturais e políticas mobilizadas no período anterior ao golpe, e bem destacadas no ensaio “Cultura e Política 1964-1969”, este texto se tornou uma referência emblemática da produção intelectual brasileira.

Providências de aprendizagem: influências de Antônio Candido e Anatol Rosenfeld

Enquanto tradição de intelectual público atuante e combativo, é comum reconhecermos em Schwarz a condição de discípulo do mestre Antônio Candido, por ele reivindicada, inclusive, na dedicatória do livro *O pai de família e outros estudos* (1978). Os estudos de Roberto Schwarz como crítico literário, acompanhando sua pesquisa de décadas sobre Machado de Assis, sistematizada nos livros *Ao vencedor as*

² Paulo Arantes configura o pano de fundo do argumento crítico de Schwarz ao Tropicalismo e fenômenos semelhantes: “Mas o golpe também lançaria a última pá de cal sobre o velho dualismo: setores modernos e tradicionais não se justapunham como se imaginava, antes formavam um sistema em que se entrelaçavam os respectivos interesses. (...) Por outro lado, a história recente do país também estava demonstrando que a falência do projeto nacional-desenvolvimentista não frustrara a industrialização capitalista da periferia, só que o desenvolvimento em questão era dependente. Ou por outra, o golpe militar ajudara a identificar uma nova dependência, que associava os grupos empresariais locais às multinacionais, redefinindo as relações entre interno e externo, segundo padrões específicos de relações capitalistas de classe. Por este prisma arquivava-se o vocabulário das dicotomias, das modernizações etc, e o subdesenvolvimento passava a ser visto como expressão do movimento internacional do capital — em suma, a herança do passado não era entrave à expansão do moderno, mas parte integrante do ser processo de reprodução” (1992, p. 35).

batatas (1977) e *Machado de Assis, um mestre na periferia do capitalismo* (1998) e os ensaios de diálogo reflexivo do discípulo com a obra do mestre Antonio Candido, como “Pressupostos, salvo engano, de ‘Dialética da malandragem’” (1987) evidenciavam que na crítica cabiam os princípios que Candido descreveu ao refletir sobre a formação da literatura brasileira: a acumulação da experiência, uma noção de causalidade interna e a superação dialética do trabalho em sequência de um autor inspirado pelas obras daqueles que escreveram antes.

A percepção do desajuste funcional entre liberalismo e escravidão percebida e sistematizada, enquanto contradição, no ensaio “As ideias fora do lugar” (1977), que integra o livro *Ao vencedor as batatas*, reaparece como estratégia de análise operando em equações teóricas e estéticas outras, da produção ensaística de Schwarz. Pensar *Que horas são?* (1987) nessa perspectiva se tornou uma indagação produtiva para o pensamento sobre formas importadas e particularidade local, como o caso da recepção do teatro épico e do legado brechtiano no Brasil. No prefácio do livro de Iná Camargo Costa *A hora do teatro épico no Brasil* (1996) Schwarz pondera: “Há bastante que aprender sobre nós mesmos com a feição meio inventiva e meio rala tomada pelo teatro épico nestas bandas, feição ligada à diferença das sociedades e das ocasiões históricas” (1996, p. 14).

Nessa perspectiva, podemos entender alguns dos ensaios de Paulo Arantes como parte de um processo de aprendizado contínuo e cumulativo, sobre o significado da formação da literatura brasileira e o descompasso com a formação da nação, para ficarmos com um dos percursos possíveis, como é exemplo “Providências de um crítico literário na periferia do capitalismo” (1997).

Há, todavia, uma outra via formativa de Roberto Schwarz, que decorre do aprendizado adquirido pela convivência, pelas aulas, pelas obras e pela atitude crítica de Anatol Rosenfeld, intelectual a quem ele dedica o livro *A sereia e o desconfiado* (1981), juntamente com a memória do pai, Johann Schwarz, além de publicar dois artigos sobre Rosenfeld: “Anatol Rosenfeld, um intelectual estrangeiro”, ensaio de 1974 publicado em *O pai de família e outros estudos*, em 1978, e “Primeiros tempos de Anatol Rosenfeld no Brasil”, ensaio publicado no livro *Que horas são?*, em 1987. No

final do primeiro ensaio Schwarz destaca a centralidade que a obra de Bertolt Brecht passou a ter para Rosenfeld, momento coincidente com o contexto de maior vigor da influência do teatro épico no teatro brasileiro e período posterior de tomada dos recursos do teatro brechtiano como estilos de encenação e modelos de dramaturgia, entre outros.

Nos últimos anos seu autor central passara justamente a ser Brecht, cujo teatro e cujas teorias divulgara amplamente, em conferências e bons artigos no Suplemento Literário de O Estado de São Paulo. Intervenção e mordacidade vinham substituir a ironia. À fase marcada por Thomas Mann, pela ontologia de Hartmann e pela filosofia da cultura, seguia-se outra centrada em Brecht, no teatro político e na crítica social. Sem que ele fosse otimista em relação ao socialismo, a Guerra do Vietnã convencera Rosenfeld de que o Imperialismo é o pior de tudo. Suponho que então, acuado, procurasse um discurso de explicação e combate. (...) Além do que, o marxismo heterodoxo de Brecht, alimentado sobretudo de dúvida, de observações sobre a opressão, o apetite e a disciplina, e inimigo de encadeamentos dedutivos, afinava bem como a sua maneira de sempre. Neste período escreveu o seu admirável O teatro épico, um manual de qualidade verdadeiramente excepcional. Aos poucos, também porque ensinava na Escola de Arte Dramática, vinha se especializando nestas questões. Através dela ligava-se ao movimento teatral de São Paulo, que lhe parecia original e notável, e do qual participava com aplicação, com brilho e com prazer. Foi este também o campo em que se dispôs a brigar, militando contra a vaga irracionalista que vinha desabando a partir de 1968. (Schwarz, 1978, p. 109).

O percurso de Rosenfeld, de progressiva colaboração com o movimento teatral, com a escrita de obras com intuito de socializar entre os brasileiros os conhecimentos teóricos sobre o teatro épico, e obras de crítica teatral (Rosenfeld, 1996), bem como seu engajamento no debate com o movimento teatral foi acompanhado por Roberto Schwarz: vale notar a presença do assunto teatral nos escritos do autor, e o consequente interesse despertado entre artistas, militantes e pesquisadores do movimento teatral brasileiro, desde a publicação do ensaio “Cultura e Política, 1964-1969” (1978), passando por “A Santa Joana dos Matadouros” (1987), momento em que Schwarz aponta o despertar de novo interesse sobre Brecht, convergente com o período de lutas populares pela redemocratização e reconstrução das organizações populares da classe trabalhadora:

Hoje o ponto de vista dos trabalhadores volta a integrar — e perturbar, pela natureza das coisas — o nosso espectro político legal. Ora, como nenhum outro, o teatro de Brecht, fixou as dissonâncias e contorções que transfiguram a cultura burguesa sempre que os explorados têm a palavra, a qual por sua vez é interesseira, contraditória, inautêntica, frustra etc., pois o autor não é populista. É certo que a Alemanha de Weimar não é o Brasil da abertura, mas este quadro, com os esvaziamentos e as relativizações que ocasiona, está na ordem do dia entre nós (1987, p. 88).

Ainda sobre a relação entre Rosenfeld e Schwarz, cabe recuperar uma resposta de Iná Camargo Costa em entrevista publicada na revista *Vintém*, da Cia do Latão, em momento em que é indagada sobre o aumento do descompasso entre crítica e produção teatral no Brasil:

(...) O que aconteceu foi que intervenções como a do Anatol não tiveram ressonância, ninguém entendeu, ninguém prestou atenção: esta é a minha tristeza. O que mais me dói foi o fato dos produtores de teatro dos anos 60 não terem prestado atenção no Anatol Rosenfeld. Ele estava ali, escrevendo coisas, vendo ensaios, com um livro maravilhoso que é um beabá da experiência, escrito para a formação das pessoas que iam ao teatro. Ninguém ligou para o Anatol Rosenfeld. Aqueles críticos que não eram ignorados desempenharam bravamente a função também importante da reportagem, da crônica, mas não deram o salto que os acontecimentos pediam. Depois que os acontecimentos desapareceram da cena, quem foi puxar esses fios foi o Roberto Schwarz, mas num ensaio que só foi publicado no Brasil anos depois, no livro *O pai de família e outros estudos*.

No ensaio “Questões sobre a atualidade de Brecht” de Sérgio de Carvalho (2009), resultante de uma palestra que o diretor da Cia do Latão, dramaturgo e professor concedeu no evento de homenagem à Roberto Schwarz “Seminário Crítica materialista no Brasil: a obra de Roberto Schwarz”, realizado em 2004, o autor registra a importância do crítico para o trabalho da Companhia do Latão, comentando uma palestra sobre a atualidade de Brecht que Schwarz realizou em 1997, no Teatro de Arena, após a leitura da peça Santa Joana dos Matadouros, de Brecht: “Esse acontecimento artístico — e crítico — foi para nós tão importante que nos obrigou de imediato a pensar sobre o sentido do que estávamos fazendo, e de certo modo, até hoje o trabalho do grupo dialoga, na concordância ou na divergência, com as posições apresentadas por Roberto Schwarz naquele primeiro encontro” (2009, p. 39).

Carvalho aponta que o alerta feito por Schwarz na palestra foi recebido com sobressalto pelos presentes, na contramão do entusiasmo da leitura dramática que acabara de se realizar. O diretor sintetizou o alerta do crítico: “existe um grande risco

de ideologizar um teatro antiideológico como o de Brecht se não levarmos em conta a conjuntura atual e os rumos do capitalismo hoje” (2009, p. 46). Ao refletir sobre a palestra Carvalho observa características do pensamento adorniano, pelo debate da perda da atualidade, como um traço de filiação teórica de Schwarz e, neste aspecto, estabelece um contraponto: “No fim das contas, o grande limite da crítica de Adorno a Brecht, parte dela encampada pelo Roberto, está na condenação da práxis projetada pela cena. O que revela uma incompreensão de sua qualidade simbólica específica, sua irresolução programática, seu sentido de alegoria da luta de classes” (2009, p. 48). Podemos notar, pelo exemplo do atestado de relevância para o trabalho de uma das principais companhias de teatro dialético do país, a importância da interlocução com o trabalho crítico, aos moldes do papel que cumpriu Rosenfeld no tempo histórico de atuação do Teatro e Arena. Nesta perspectiva, é possível constatar que foi forjada no Brasil, desde os anos 1960, uma tradição de interlocutores que produzem no campo teatral, o pensamento crítico que é, ao mesmo tempo, um exercício de reposição dos termos teóricos e históricos no debate, e uma aposta deliberada de intervenção na cena política e cultural.

Interlocuções com sujeitos coletivos: grupos e movimentos de trabalhadores

No Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) alguns ensaios do crítico são estudados nos cursos de formação da Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), dos setores de Cultura e Comunicação, dentre eles o principal é “Cultura e Política, 1964-1969”. A parte que desperta maior interesse é a que aborda o período de efervescência cultural e política anterior ao golpe de 1964, e a análise do que e como foi interrompido com a manobra militar e empresarial desfechada.

Outro curto texto de grande valor para o debate no MST e em coletivos de cultura, de teatro ou de outras linguagens, é “Política e Cultura: subsídios para uma plataforma do PT em 82” (1987). Apesar do caráter sintético, um texto de apenas quatro parágrafos em duas páginas e meia, o que temos ali é um artigo de colaboração com uma plataforma nova, àquela que surgia com um bloco histórico que se pretendia

contra-hegemônico. Nasciam na primeira metade da década de 1980 o Partido dos Trabalhadores (PT), a Central Única dos Trabalhadores (CUT), o MST e o Movimento Negro Unificado (MNU), para ficarmos com alguns dos principais exemplos. Sindicatos, partidos e movimentos sociais representantes da classe trabalhadora brasileira e de segmentos historicamente discriminados como a população negra e os camponeses retornavam à cena política com pretensões de disputar o poder, direito que lhes foi sonogado por 21 anos de vigência da ditadura.

Neste texto breve Schwarz fornece algumas chaves de leitura importantes para o debate da construção de uma política cultural e das comunicações no país: à fase posterior ao desmonte das organizações que resistiram à ditadura por meio da luta armada se seguiu uma reestruturação de órgãos governamentais para o tratamento da questão cultural, a Embrafilme, o Serviço Nacional de Teatro, o Serviço Nacional do Livro, o que somado a algumas divergências de pretensões nacionalistas, com o governo estadunidense, chegou a arrancar elogios de intelectuais e artistas que um pouco antes combatiam o regime autoritário. No campo da comunicação, o alinhamento do Estado com o capital privado para o desenvolvimento de empresas como a Rede Globo se mostrava muito eficaz. Nesse contexto, Schwarz interpretava: “está em andamento um processo cultural novo, de extraordinária vitalidade, popular pelo seu alcance e antipopular pelos interesses a que presta contas” (1987, p. 83). Com argúcia o crítico destacava uma nova conotação para o sentido de popular, não mais vinculado ao projeto nacional-popular, mas atrelado aos índices de audiência, chamariz para anunciantes, e respondendo a demandas outras que não as de colocar o personagem brasileiro, o povo, e seus problemas em cena. Popular passava a significar algo bem-sucedido no campo da negociação dos bens simbólicos, das mercadorias culturais.

Na sequência, Schwarz aponta para um preconceito decorrente do rescaldo do golpe, do impacto que ele causou na desarticulação da estratégia de ação do campo popular:

Há objeções contra o debate cultural no interior do movimento dos trabalhadores. Algumas nascem de um preconceito de classe invertido: como a burguesia dificulta o acesso do trabalhador à cultura, este sente que cultura é coisa de burgueses. Outros dizem que a energia do movimento não deve ser desviada das questões políticas prioritárias. Outros enfim dizem que o povo já tem a sua cultura, e que o importante é preservá-la e limpá-la dos contrabandos da cultura burguesa e da modernização (1987, p. 83).

Essa síntese, as reflexões contidas nestes textos são exemplos da relevância da obra do autor para os debates nos cursos de formação de quadros do MST, em cursos da ENFF, e colaborou para o entendimento do caráter estratégico que a cultura e a comunicação devem ter numa organização que pretende atuar na perspectiva anti-capitalista, de forma coletiva, buscando o acesso dos bens culturais como um direito, da mesma forma como lutando pela socialização dos meios de produção para que possa reivindicar, não apenas o acesso ao consumo, mas o direito da fruição pela capacidade de produzir e de dialogar com os bens culturais com letramento estético trabalhado em processos de formação.

De modo que, de certa forma, alguns dos preconceitos apontados por Schwarz eram vivenciados pelo MST e os argumentos dos seus ensaios colaboraram para que a cultura e a comunicação fossem percebidas como estratégicas no planejamento de um movimento socialista, e com isso o MST foi, progressivamente, intensificando o diálogo com segmentos de trabalhadores da cultura, como artistas visuais, violeiros, e com o movimento do teatro político brasileiro. Diversos intelectuais e artistas brasileiros colaboram, pontualmente ou de forma sistemática, como assessores, para o aprofundamento do conhecimento histórico cultural do país e para o domínio teórico dos fenômenos do campo cultural. O livro *Sem Terra com Poesia* (Caldart, 1987) foi a primeira pesquisa que identifica, desde o nascimento do MST, como o Movimento se

constituía também em um movimento cultural, ao lutar pela terra e por direitos humanos. Iná Camargo Costa referenda a percepção:

Por razões que dispensam considerações teóricas, o MST deu início à sua militância cultural pela música. Passados tantos anos de luta, é provável que o movimento tenha a maior rede de violeiros do país — todos alheios ao mercado da música, é claro. Em Congresso realizado no ano de 2000, ficou definida a providência de criar as brigadas de teatro (e depois de cultura), bem como solicitar o apoio teórico e técnico de Augusto Boal e seu CTO, solicitação que foi imediatamente atendida com o empenho conhecido por todos os que tiveram o privilégio de trabalhar junto com o mestre Boal (2015, p. 33).

Crítica dialética: a negatividade como providência para uma perspectiva anti-sistêmica

Retomando o princípio do argumento, uma das potências do trabalho de Roberto Schwarz, que difere sua obra das produzidas pelos historiadores, é a capacidade de formular imagens da memória do futuro, ao apontar o que foi interrompido no fluxo histórico como algo em movimento, cuja compreensão objetiva dos entraves é capaz de fornecer munição para o debate sobre a estratégia no tempo presente, com a consciência dos impasses do passado, e das providências que podem ser retomadas. No ensaio “Sobre a intervenção cultural” o crítico marxista Fredric Jameson destaca a atuação dos intelectuais como críticos da ideologia e como recriadores de utopia.

Essa construção visionária é uma tarefa política fundamental dos intelectuais; ou melhor, os intelectuais políticos são aqueles que trabalham para construir justamente essas visões. Onde

quer que eles estejam ausentes, onde quer que percebamos que a gente política desistiu de tentar construí-las e imaginá-las, seja por desencorajamento ou exaustão, ou por alguma imersão demasiado completa nas coisas imediatas do presente, onde quer que a utopia esteja completamente ausente, podemos ter certeza de que a política radical foi substituída por uma política de reformas, uma política dentro do sistema (Jameson, 2004, p. 72).

A dialética como gesto, como providência intelectual, é um exercício de rigor analítico que, pela chave negativa, exerce papel relevante na construção de uma perspectiva anti-sistêmica. O trabalho de Roberto Schwarz foi e é uma referência de crítica dialética não apenas para o campo da literatura, mas para o segmento teatral. De acordo com Sérgio de Carvalho:

Mas é claro que pensar a relação possível entre pesquisa da vida contemporânea, reflexão estética e radicalização política depende de uma disposição à luta anticapitalista, que hoje procura suas novas formas. No fundo, o método Brecht, tal como Roberto o concebe em sua atitude crítica, se parece muito com aquela pequena e luminosa descrição de Rosenfeld: uma perspectiva negativa associada à procura de uma clareza nada convencional quanto ao que vale a pena (2009, p. 54).

Portanto, longe de ser um intelectual engajado no sentido positivista, Schwarz opera pela chave negativa, e com isso é capaz de formular em seus ensaios um pensamento interventivo, estimulante, na medida em que a percepção da imagem da totalidade, por meio do movimento das contradições da história, nos fornece a consciência que a história é inteligível e que, por isso, é capaz de ser transformada pela ação do trabalho humano.

BIBLIOGRAFIA

ARANTES, Paulo. *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ARANTES, Paulo. Providências de um crítico literário na periferia do capitalismo. In: ARANTES, Otília Beatriz Fiori; ARANTES, Paulo. *Sentido da formação: três estudos sobre Antonio Candido, Gilda de Mello e Souza e Lúcio Costa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

BOAL, Julian. *Sobre antigas formas em novos tempos: o teatro do oprimido hoje entre “ensaio da revolução” e técnica interativa de domesticação das vítimas*. São Paulo: Hucitec, 2022.

BRITTO, Geo. *Augusto Boal e a formação do Teatro do Oprimido*. Rio de Janeiro: Mórula; São Paulo: Expressão Popular, 2024.

CALDART, Roseli. *Sem-Terra com Poesia: a arte de re-criar a História*. São Paulo: Vozes, 1987.

CARVALHO, Sérgio de. Questões sobre a atualidade de Brecht. In: *Introdução ao teatro dialético: experimentos da Cia do Latão*. São Paulo: Expressão Popular, Companhia do Latão, 2009.

COSTA, Iná Camargo. *A hora do teatro épico no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

COSTA, Iná Camargo. O Agitprop e o Brasil. In: *Agitprop: cultura política*. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

COSTA, Iná Camargo. Por um teatro épico (entrevista). *Vintém*, ano 2, número III, São Paulo: Hedra.

JAMESON, Fredric. Sobre a intervenção cultural. *Revista Crítica Marxista*, n. 18. Campinas: Revan, 2004.

NAPOLITANO, Marcos. *1964: história do regime militar brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

PEGINI, Cláudia Bellanda. *A urgência de 1968 nos estilhaços estéticos da 1ª Feira Paulista de Opinião: espaço de criação coletiva e de desobediência estética e civil*. Tese defendida no PPG em Letras da Universidade Estadual de Maringá, 2021.

PINTO, Viviane Cristina; VILLAS BÔAS, Rafael Litvin; SILVA, Adriana Gomes; ROSA, Simone Menezes da. (Orgs.). *Cultura e Política: narrativas da Escola de Teatro Político e Vídeo Popular do Distrito Federal*. Brasília: Simpoiese Projetos Culturais, 2023.

ROSENFELD, Anatol. *O mito e o herói no moderno teatro brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

SANTOS, Patrícia Freitas dos. *A form-AÇÃO das Feiras de Opinião dirigidas por Augusto Boal nas Américas (1968-1972)*. Tese de doutorado defendida no PPG em Estudos Linguísticos e Estudos Literário em Inglês da Universidade de São Paulo, 2024.

SCHWARZ, Roberto. Anatol Rosenfeld, um intelectual estrangeiro. In: *O pai de família e outros estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

SCHWARZ, Roberto. Uma evolução de formas e seu depoimento histórico. In: COSTA, Iná Camargo. *A hora do teatro épico no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

SCHWARZ, Roberto. Política e Cultura: subsídios para uma plataforma do PT em 82. In: *Que horas são? Ensaios*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

SCHWARZ, Roberto. Pressupostos, salvo engano, de “Dialética da malandragem”. In: *Que horas são? Ensaios*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

SCHWARZ, Roberto. Altos e baixos da atualidade de Brecht. In: *Sequências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

VILLAS BÔAS, Rafael Litvin. *Teatro Político e Questão Agrária, 1955-1965: contradições, avanços e impasses de um momento decisivo*. Tese de doutorado defendida no PPG em Literatura. Universidade de Brasília, 2009.

Rafael Villas Bôas é professor da Universidade de Brasília. Atua nas áreas de Ciências Humanas e Sociais e Linguagens do campus de Planaltina da UnB. Na pós-graduação atua no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPG-CÊN), do Instituto de Artes (IdA/UnB). Coordena o grupo de pesquisa e programa de extensão “Terra em Cena: teatro, audiovisual e educação do campo”. Organizou, em parceria com outros pesquisadores, os livros *Cultura e Política: narrativas da escola de teatro político e vídeo popular do Distrito Federal* (2023), *Movimentos Populares e Universidade* (2018), *Pedagogia socialista: legado da revolução de 1917 e desafios atuais* (2017), *Teatro político, formação e organização social* (2015), *Cultura, Arte e Comunicação* (2014), *Outras Terras à Vista: Cinema e Educação do Campo* (2010).